IDENTIDADE, TERRITÓRIO SIMBÓLICO E CRISE ÉTICA NA NARRATIVA MARANHENSE DE JOÃO MOHANA

IDENTITY, SYMBOLIC TERRITORY, AND ETHICAL CRISIS IN JOÃO MOHANA'S NARRATIVE ABOUT MARANHÃO

Recebido: 10/05/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4563

Hanna Gabrielle do Vale Almeida[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-6368-5100

Andreza Luana da Silva Barros[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-2893-0467

Elijames Moraes dos Santos[3]
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0002-8957-976X

Resumo: As relações entre identidade, território e ética constituem elementos centrais para compreender os processos de formação cultural e os conflitos subjetivos presentes nas experiências sociais maranhenses do século XX. Nesse contexto, a obra *O Outro Caminho*, de João Mohana ([1952] 1983), apresenta uma narrativa marcada pela tensão entre tradição e modernidade, religiosidade e subjetividade, pertencimento e deslocamento. Partindo dos pressupostos dos estudos culturais e da noção de territorialidade simbólica, esta pesquisa analisa como o romance constrói o Maranhão não apenas como cenário, mas como espaço formador da experiência ética dos personagens. A investigação busca compreender como a narrativa de Mohana organiza conflitos morais, identidades sociais e processos de subjetivação. Para isso, dialogamos com Hall (2019), Santos (2006) e Bourdieu (1989), relacionando identidade cultural, espaço social e formação simbólica. A metodologia adotada possui caráter qualitativo, bibliográfico e ensaístico. Constatamos que a obra transforma o território maranhense em uma estrutura simbólica de pertencimento, marcada por códigos morais, religiosidade coletiva e conflitos subjetivos que revelam a crise identitária do sujeito moderno. O personagem principal da obra, Eyder Carvalho, representa o sujeito dividido entre valores tradicionais e impulsos individuais, sintetizando tensões culturais próprias

[1] Mestra em Letras com ênfase em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Linguística e Formação de Leitores pela Faculdade Integrada Instituto Souza (MG). Graduada em Letras Português - Inglês pela Universidade Federal do Maranhão. Professora de Letras-Inglês na modalidade PARFOR (UFMA) e Professora de Letras - EAD (UNIASSELVI). Participa como pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Linguagem e Pensamento - Cognicão e Linguística (GELP-COLIN/ UFMA). E-mail: hannagvalmeida@gmail.com

[2] Doutoranda em Letras-PPGEL- UFPI. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Possui graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Especialista em Literatura Portuguesa e Brasileira, pelo Instituo de Ensino Superior Franciscano - IESF e em Gestão Educacional e escolar, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: andrezaluanasb@gmail.com

[3] Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Diretora do Campus Zé Doca, da Universidade Estadual do Maranhão (2023-2026). Professora Adjunta II, nível II, de Teorias Literárias e Literaturas de Língua Portuguesa do referido Campus. É membro permanente do Grupo de estudos em linguagem, enunciação e cultura (LECult), da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal. Possui trabalhos publicados sobre contos de João Guimarães Rosa e sobre romance de Graciliano Ramos. Além disso, desenvolve estudos sobre Literatura e Sociedade; e sobre as (inter)relações entre a Literatura e Cinema. É Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí onde atuou na linha de pesquisa em Literatura e outros sistemas semióticos. E-mail: elijamesms@gmail.com

do Maranhão do século XX. Assim, esse romance de Mohana articula memória, ética e territorialidade na construção de uma identidade regional profundamente marcada pelos conflitos humanos, culturais e simbólicos, que atravessam a experiência social maranhense.

Palavras-chave: Literatura Maranhense; Territorialidade Simbólica; João Mohana; Identidade Cultural.

Abstract: The relationships between identity, territory, and ethics are central elements for understanding the processes of cultural formation and the subjective conflicts present in the social experiences of Maranhão in the 20th century. In this context, the work O Outro Caminho, by João Mohana ([1952] 1983), presents a narrative marked by the tension between tradition and modernity, religiosity and subjectivity, belonging and displacement. Based on the assumptions of cultural studies and the notion of symbolic territoriality, this research analyzes how the novel constructs Maranhão not only as a setting, but as a space that shapes the ethical experience of the characters. The investigation seeks to understand how Mohana's narrative organizes moral conflicts, social identities, and processes of subjectivation. To this end, we engage in dialogue with Hall (2019), Santos (2006), and Bourdieu (1989), relating cultural identity, social space, and symbolic formation. The methodology adopted is qualitative, bibliographic, and essayistic in nature. We observed that the work transforms the territory of Maranhão into a symbolic structure of belonging, marked by moral codes, collective religiosity, and subjective conflicts that reveal the identity crisis of the modern subject. The main character of the work, Eyder Carvalho, represents the subject divided between traditional values and individual impulses, synthesizing cultural tensions inherent to 20th-century Maranhão. Thus, this novel by Mohana articulates memory, ethics, and territoriality in the construction of a regional identity deeply marked by human, cultural, and symbolic conflicts that permeate the social experience of Maranhão.

Keywords: Maranhão Literature; Symbolic Territoriality; João Mohana; Cultural Identity.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira regional ocupa um espaço secundário nas discussões do cânone nacional, sobretudo quando se trata de autores nordestinos que escrevem fora dos grandes centros editoriais e acadêmicos do eixo Sul-Sudeste. Nesse contexto, a produção literária de João Mohana constitui uma importante representação da experiência cultural maranhense do século XX, especialmente por articular elementos da religiosidade, da subjetividade e das tensões sociais que atravessam a formação ética do sujeito moderno.

O romance *O Outro Caminho* (1952), apresenta um universo narrativo atravessado por conflitos existenciais, crises morais e processos de deslocamento identitário que evidenciam as tensões culturais e sociais do Maranhão no século XX. Mais do que uma narrativa centrada apenas na subjetividade psicológica ou na religiosidade cristã, o enredo permite compreender a relação entre sujeito, cultura e território, transformando o espaço maranhense em elemento estruturante da formação ética e das experiências de pertencimento presentes na obra. Nesse aspecto, a narrativa evidencia que os processos identitários não se constituem de forma isolada, mas são atravessados pelas práticas

culturais, pelas memórias coletivas e pelas formas de sociabilidade que organizam a vida social.

Partindo dessa perspectiva, a noção de territorialidade simbólica torna-se fundamental para compreender o romance, uma vez que o espaço narrativo, cujo núcleo espacial contempla a baixada maranhense com os municípios de Viana, São Luís, Bacabal e Coroatá; ultrapassa a função de mera ambientação geográfica e passa a atuar como estrutura simbólica de organização das relações humanas. De acordo com Santos (2006), o espaço deve ser entendido como resultado das relações sociais, das experiências históricas e das práticas culturais que constituem a vida coletiva. Assim, o Maranhão representado por Mohana na obra emerge como território marcado por códigos morais, religiosidade, memória e formas tradicionais de convivência, elementos que atravessam diretamente a constituição subjetiva dos personagens.

Em diálogo com as reflexões de Hall (2019) acerca da identidade cultural enquanto processo histórico e relacional: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2019, p. 11-12), portanto, as identidades não são essências fixas, mas construções produzidas no interior dos discursos, das práticas sociais e das relações de pertencimento. Em *O Outro Caminho*, as experiências individuais dos personagens revelam exatamente esse processo de negociação identitária, no qual tradição, desejo, religiosidade e transformação social coexistem de maneira conflituosa. Desse modo, a narrativa de Mohana demonstra como a literatura maranhense pode funcionar como espaço de preservação da memória cultural e de representação das tensões éticas e simbólicas que atravessam a experiência social nordestina.

A crise identitária do personagem Eyder Carvalho sintetiza essa problemática quando afirma: “Mais do que ninguém, eu era dois. Sempre fui dois” (Mohana, 1983, p. 44); o personagem revela uma subjetividade fragmentada entre tradição e desejo, espiritualidade e corporeidade, ordem coletiva e impulso individual. Essa duplicidade representa não apenas um conflito interno, mas uma experiência cultural característica de sujeitos inseridos em contextos sociais marcados pela transição entre valores tradicionais e modernização.

Dessa forma, o presente estudo objetiva analisar como João Mohana constrói o Maranhão enquanto território simbólico de formação ética e identidade cultural em *O Outro Caminho* (1983). A partir das contribuições teóricas de Hall (2019), Santos (2006) e Bourdieu (1989), compreendemos que as identidades culturais e os processos de subjetivação são produzidos no interior das relações sociais, dos códigos simbólicos e das experiências territorializadas que organizam a vida coletiva.

Nesse sentido, defendemos que, em *O Outro Caminho*, Mohana representa o interior maranhense como um território simbólico disciplinador, no qual religiosidade, tradição e sociabilidade coletiva regulam a constituição ética das personagens e determinam suas possibilidades de pertencimento social.

LITERATURA MARANHENSE E TERRITORIALIDADE SIMBÓLICA

A literatura regional brasileira não deve ser compreendida apenas como representação folclórica de determinados espaços geográficos, mas como forma de elaboração simbólica das experiências culturais e sociais de uma comunidade. Nesse aspecto, a literatura maranhense possui papel fundamental na preservação da memória coletiva e na construção de imaginários sociais relacionados ao pertencimento e à identidade cultural.

Segundo Hall (2019), as identidades culturais não são fixas, mas construídas historicamente através das relações sociais, dos discursos e das práticas culturais. Assim, o território deixa de ser apenas espaço físico e passa a representar um conjunto de valores simbólicos que organizam a experiência social.

A obra constrói um universo narrativo profundamente marcado por valores morais, religiosidade e sociabilidades tradicionais. O Maranhão apresentado não surge apenas como pano de fundo da narrativa, mas como espaço simbólico que participa ativamente da formação subjetiva das personagens.

No trecho “Há uma diferença fabulosa entre um padre no interior e um homem metido numa batina no interior. Cada incidente, cada situação se reflete neles de modo diferente e provoca reações diferentes” (Mohana, 1983, p. 92), a distinção estabelecida entre “um padre no interior” e “um homem metido numa batina no interior” evidencia que a legitimidade identitária depende da incorporação dos códigos simbólicos que

estruturam o espaço social maranhense. A autoridade do sacerdote não deriva exclusivamente da instituição religiosa, mas da incorporação socialmente reconhecida de disposições éticas esperadas pela comunidade. Sob a perspectiva de Bourdieu (1989): “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo” (Bourdieu, 1989, p. 9); a narrativa evidencia que o capital simbólico da figura religiosa depende da adequação performativa aos códigos culturais compartilhados pelo espaço social interiorano. A batina, isoladamente, não produz pertencimento legítimo.

As relações sociais presentes no seio da narrativa mostram estruturas éticas ligadas ao pertencimento comunitário, ao peso da tradição e à vigilância moral coletiva. O personagem Eyder Carvalho encontra-se constantemente atravessado pelas expectativas sociais e religiosas que organizam seu mundo. A experiência do sujeito, portanto, não é individualizada de maneira absoluta, mas construída dentro de uma rede cultural de valores.

Esse aspecto corrobora com o estudo de Santos (2006), quando afirma que o espaço é formado pela relação entre práticas sociais, memória e experiência histórica: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2006, p. 39). Nesse sentido, a territorialidade simbólica presente na obra de Mohana evidencia um Maranhão constituído por formas específicas de convivência, religiosidade e organização moral. A narrativa transforma o território em experiência cultural compartilhada. Além disso, o romance evidencia tensões relacionadas à modernização do século XX. O sujeito moderno representado por Eyder encontra-se dividido entre desejos individuais e estruturas tradicionais de pertencimento. Essa tensão evidencia um processo de deslocamento identitário relacionado às transformações sociais e culturais, especialmente no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial, marcado pela instabilidade das referências éticas e pela busca de reorganização subjetiva. A própria narrativa explicita essa percepção histórica ao afirmar que “via nessa expectativa uma vaga promessa de felicidade. Até a coincidência de ter acabado nesse ano a guerra mundial, pensei que encerrasse um simbolismo. Mas não” (Mohana, 1983, p. 142).

O trecho demonstra que a crise experienciada pelo personagem não se limita à esfera individual, mas dialoga com um contexto histórico mais amplo de incertezas e rupturas. A expectativa frustrada de estabilidade evidencia um sujeito atravessado pelas transformações da modernidade, cuja experiência de pertencimento passa a ser marcada pela fragmentação e pela oscilação entre tradição e mudança social.

> Mentalmente eu me via no centro de uma roda de rostos amigos. O rosto de mamãe, o de papai, de Pe. Martins, de Mons. Galvão, Neco, Pe. Lopes, Pe. Afonsinho, Rogério, Reginaldo e outros. Só eu no centro. Sozinho. Metido na minha batina, vendo todos me olharem e dizerem bem intencionalmente: Ordene-se. Ordene-se; você será um padre ideal (Mohana, 1983, p. 57).

O trecho acima explicita um processo de territorialização simbólica do sujeito. O protagonista não aparece apenas como indivíduo, mas como alguém cercado por uma rede social, religiosa e afetiva que produz expectativas sobre sua identidade. O personagem se vê “no centro” de uma roda de figuras de autoridade e afeto. Isso mostra como a subjetividade dele é construída sob vigilância simbólica. A comunidade funciona como instância reguladora da vocação. Além disso, Os nomes citados (padres, monsenhor, família), formam um território moral católico. O espaço social da narrativa organiza comportamentos, desejos e expectativas, posto que o Maranhão interiorano representado por Mohana aparece como espaço de forte normatividade ética e religiosa.

A exemplo disso, a frase “Ordene-se” repetida quase liturgicamente demonstra uma imposição identitária coletiva. O sujeito passa a existir a partir da expectativa do outro. Isso dialoga muito com a perspectiva de Hall (2019), especialmente na ideia de que as identidades são produzidas discursivamente nas relações sociais. Nesse sentido, a formação de Eyder Carvalho desenvolve-se sob o signo da ambivalência: ao mesmo tempo em que incorpora os valores religiosos que estruturam o meio social em que vive, o personagem confronta-se progressivamente com as fissuras internas produzidas por tais exigências. A partir dessa perspectiva, torna-se necessário compreender como a constituição ética do protagonista se articula à sua crise identitária ao longo da narrativa.

FORMAÇÃO ÉTICA E CRISE IDENTITÁRIA DO PERSONAGEM

A exigência de pertencimento presente no território maranhense não se limita à ocupação formal de posições sociais, mas envolve um processo contínuo de vigilância e

legitimação simbólica exercido pela coletividade. A experiência do personagem revela que a vida comunitária do interior produz mecanismos de observação moral capazes de regular comportamentos, afetos e formas de identidade social.

> Nas minhas lágrimas havia um misto de três sentimentos: arrependimento, conflito e queixa. Arrependimento, pelo pecado cometido. Conflito, devido à incerteza do futuro, à expectativa oscilante de minha vida. Queixa, de Deus, que vinha consentindo em tantas gafes, há anos (Mohana, 1983. p. 111).

No trecho acima, o personagem Eyder simboliza o sujeito atravessado por estruturas tradicionais de formação ética, mas inserido em um contexto de mudanças históricas e subjetivas. Para Bourdieu (1989): “Os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação.” (Bourdieu, 1989, p. 11); portanto, os sujeitos internalizam estruturas sociais através dos *habitus*, reproduzindo formas culturais e morais que orientam práticas e comportamentos. Na obra, as experiências do personagem revelam exatamente essa internalização dos códigos simbólicos de sua comunidade.

A religiosidade ocupa papel central nesse processo. Entretanto, mais do que dimensão exclusivamente espiritual, a religião surge como elemento organizador da vida social e da experiência ética. No romance, a experiência religiosa do personagem encontra-se constantemente atravessada por sentimentos de insuficiência, culpa e busca de pertencimento moral, revelando uma subjetividade profundamente marcada pelos valores culturais de sua comunidade: “Apesar de não ser o padre que deveria ser e que gostava de ser, amava, sinceramente, como ainda amo, esse Pai, que, se se mantinha escondido, era por motivos que a minha limitação não é capaz de saber” (Mohana, 1983, p. 100).

O trecho evidencia que a crise vivenciada pelo personagem não implica rompimento com a estrutura simbólica da religiosidade, mas reforça sua permanência como elemento constitutivo da identidade e da formação ética do sujeito. A relação com o sagrado aparece vinculada a práticas culturais internalizadas, demonstrando como os códigos morais presentes no território simbólico maranhense atravessam a experiência subjetiva das personagens. A narrativa evidencia aquilo que Santos (2006) compreende

como espaço vivido: uma rede de práticas, temporalidades e relações sociais que condiciona a experiência humana.

Ao longo da obra, percebe-se que a formação ética do personagem não ocorre de maneira abstrata ou universal, mas através de relações culturais concretas. Família, religião, comunidade e memória coletiva estruturam as formas de pertencimento presentes na narrativa. Desse modo, o território simbólico maranhense funciona como espaço de produção de subjetividades, revelando como identidade cultural e experiência moral encontram-se profundamente entrelaçadas.

A narrativa evidencia que o sofrimento do personagem decorre também da impossibilidade de dissociar o “eu” das expectativas coletivas que estruturam sua existência. Nesse sentido, a interiorização da culpa revela uma forma de poder simbólico particularmente eficaz: aquela em que a vigilância externa já não necessita de imposição explícita, pois passa a operar no interior da própria consciência do sujeito. A angústia do personagem, portanto, não representa somente uma crise espiritual, mas o colapso parcial das referências identitárias que sustentavam sua estabilidade ética. Tal movimento produz uma tensão permanente entre ordem e desagregação subjetiva, na qual o território simbólico maranhense aparece simultaneamente como espaço de pertencimento e aprisionamento moral. A narrativa expõe, assim, as fissuras de uma formação ética construída sob forte normatividade religiosa, revelando como determinadas estruturas culturais podem produzir sujeitos incapazes de reconciliar desejo, fé e autonomia identitária.

TRADIÇÃO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO NO PROCESSO NARRATIVO

Um dos aspectos mais relevantes da narrativa consiste na maneira como a memória organiza e conduz as experiências das personagens. Nesse sentido, a territorialidade simbólica manifesta-se justamente através da preservação da memória coletiva, o que nos remete, de certo modo, ao sentido apontado por M. Halbwachs (1990), quando diz que a memória pode ser entendida como viva, interna e, ao mesmo tempo, plural:

> Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para

> aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (Halbwachs, 1990, p. 35).

Logo, o Maranhão, representado nesse romance de Mohana, aparece como espaço de continuidade cultural, no qual as relações humanas permanecem atravessadas por estruturas tradicionais de pertencimento.

Ao mesmo tempo, a narrativa evidencia o desgaste dessas estruturas diante das transformações modernas. A subjetividade fragmentada do personagem Eyder Carvalho representa a dificuldade de conciliar tradição e individualidade em uma sociedade em processo de mudança. Esse aspecto aproxima a obra de debates sobre modernidade periférica e crise cultural, a experiência do personagem não corresponde apenas a um drama pessoal, mas à representação de um sujeito regional inserido em um contexto de deslocamento simbólico.

A literatura, nesse sentido, atua como espaço de preservação da memória: “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (Halbwachs, 1990, p. 30). João Mohana transforma experiências regionais em matéria estética, registrando formas de vida, valores e conflitos que compõem o imaginário maranhense do século XX. Além disso, a narrativa evidencia que o pertencimento cultural não ocorre de maneira estável. O personagem encontra-se constantemente dividido entre o desejo de integração e a sensação de inadequação. O “outro caminho” mencionado no título simboliza justamente essa busca por um lugar possível dentro de uma realidade marcada pela incompletude.

A concepção de identidade formulada por Hall (2019), na qual o sujeito moderno encontra-se atravessado por processos descontínuos de identificação é percebida em Eyder Carvalho, personagem cuja crise não se manifesta apenas como instabilidade emocional, mas como impossibilidade de estabilizar uma posição identitária coerente diante de sistemas morais contraditórios. O personagem ocupa simultaneamente o espaço da devoção e da ruptura, da disciplina religiosa e da experiência desejante, tornando-se expressão de uma subjetividade marcada pela fragmentação cultural característica da modernidade. A obra revela, portanto, que identidade cultural não é uma essência fixa, mas um processo conflituoso de negociação entre tradição, memória e transformação histórica.

ISSN: 2527-1024

No trecho a seguir a narrativa de Mohana dissolve continuamente as fronteiras entre experiência íntima e visibilidade coletiva:

> Se o povo que via minhas mãos com Deus nelas pudesse olhar o interior de minha alma, teria visto como Deus estava longe delas. E com muito mais razão comentaria o que comentava. Porque, mesmo sem ver tudo, o povo falava como se visse tudo. Falava como se visse muito mais. A miséria, que já era grande demais, o povo aumentava, e só Deus sabe o tamanho que a miséria ficava (Mohana, 1983, p. 112).

Quando o personagem afirma que “o povo falava como se visse tudo”, a narrativa evidencia uma dinâmica social baseada na circulação permanente do olhar comunitário. O interior maranhense aparece como espaço de extrema permeabilidade simbólica, no qual a individualidade encontra dificuldades para constituir zonas de opacidade. A reputação deixa de pertencer integralmente ao sujeito e passa a ser negociada publicamente através das interpretações coletivas produzidas pela comunidade.

As experiências de culpa, insuficiência e fracasso moral vividas por Eyder Carvalho não derivam exclusivamente da consciência religiosa privada, mas da impossibilidade de corresponder plenamente às expectativas éticas inscritas na cultura interiorana. A fé, nesse sentido, deixa de funcionar apenas como dimensão transcendental e passa a constituir linguagem coletiva de avaliação moral das condutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de *O Outro Caminho* permite compreender que a narrativa de João Mohana não se limita à representação introspectiva de conflitos religiosos ou existenciais, mas elabora criticamente as formas pelas quais o espaço social interiorano participa da constituição ética dos sujeitos. Ao deslocar o enfoque da dimensão puramente psicológica para os mecanismos simbólicos que organizam as relações coletivas, o romance evidencia que religiosidade, autoridade moral e pertencimento comunitário funcionam como estruturas historicamente sedimentadas no interior maranhense, condicionando práticas sociais, formas de reconhecimento e possibilidades de legitimação identitária.

Sob essa perspectiva, o estudo demonstrou que o Maranhão representado na obra opera menos como paisagem regional e mais como campo de forças simbólicas no qual os indivíduos são continuamente avaliados, interpretados e socialmente posicionados.

As experiências de culpa, insuficiência e fragmentação vividas por Eyder Carvalho não emergem exclusivamente de uma consciência individual em crise, mas da tensão entre disposições subjetivas e expectativas coletivas produzidas por um espaço social de forte densidade normativa. Nesse sentido, a leitura proposta aproxima-se da noção de habitus formulada por Bourdieu (1989), uma vez que a narrativa evidencia a incorporação de esquemas éticos e disposições culturais que orientam percepções, comportamentos e formas de autocensura no interior da vida comunitária.

Ao mesmo tempo, a fragmentação identitária do protagonista evidencia processos de deslocamento cultural associados às transformações da modernidade, dialogando diretamente com as formulações de Hall (2019) acerca da crise das identidades estáveis, “As identidades nunca são unificadas; elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas” (Hall, 2019, p. 108). Eyder Carvalho ocupa uma posição liminar entre devoção religiosa, desejo individual e necessidade de reconhecimento social, tornando-se expressão de um sujeito incapaz de estabilizar plenamente sua inserção nos sistemas simbólicos que o constituem. A narrativa explicita, assim, o esgotamento de formas tradicionais de autoridade ética sem que novas estruturas de pertencimento consigam efetivamente substituí-las.

Além disso, o discurso da narrativa evidencia aquilo que Santos (2006) compreende como experiência social do espaço, na medida em que o interior maranhense aparece estruturado por relações de proximidade, circulação permanente do olhar coletivo e intensa permeabilidade entre vida privada e julgamento comunitário. O romance demonstra que o território não atua passivamente sobre os sujeitos, mas produz regimes específicos de sociabilidade e inteligibilidade moral, capazes de definir reputações, validar condutas e disciplinar identidades. Dessa forma, João Mohana constrói um espaço literário no qual ética, religiosidade e organização social tornam-se inseparáveis.

A relevância crítica deste estudo reside justamente na possibilidade de reposicionar a literatura maranhense para além de leituras regionalistas restritas à descrição cultural ou ao valor documental. Ao analisar a obra como narrativa de produção simbólica das subjetividades, o artigo evidencia como a literatura regional brasileira pode operar como campo privilegiado de reflexão sobre poder simbólico, regulação social e

crise identitária em contextos periféricos da modernidade. A obra de João Mohana revela que os conflitos humanos representados no romance não decorrem apenas de dilemas íntimos universais, mas de formas historicamente específicas de organização cultural e territorial da experiência social.

Assim, a investigação reafirma a potência analítica da literatura produzida no Maranhão enquanto espaço de elaboração crítica das relações entre território, subjetividade e estrutura social, demonstrando que *O Outro Caminho* antecipa discussões contemporâneas sobre identidade, legitimidade simbólica e disciplinamento ético nas sociedades marcadas pela permanência de formas tradicionais de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MOHANA, João Miguel. **O outro caminho**. Editora Agir. 9ª ed. rev. Rio de Janeiro. ISBN: 85-220-0078-6. 1983.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense.** São Luís: Academia Maranhense de Letras.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.